

PELEANDO COM O TEMPO

Albeni Carmo de Oliveira

Bem no alto de uma coxilha
 Um taura velho e cansado,
 Apeou de um pingo tostado
 Olhou para trás e para frente,
 E depois fechando os olhos
 Como quem está sonhando,
 Viu o pampa desfilando
 Dentro de sua própria mente.

Enxergou em pensamento
 O negro do pastoreio
 E o piazito carreteiro
 Assoviando uma toada,
 Viu o boitatá, o lobisomem
 Muita gente assombrando,
 E o boi barroso berrando
 Lá no fundo da invernada!

Escutou uma gaita chorando
 Num fandango de galpão.
 Viu peleias de facão
 Viu osso clavando sorte,
 Viu dois galos numa rinha
 Que para provar seus valores,
 Aos gritos de apostadores
 Lutaram até a morte...

Viu um ginete domando
 Um bagual manhoso e xucro,
 Viu até jogo de truco
 No meio de gritarias;
 Viu gente que sem relógios
 No sol ia se orientando,
 Ou à noite tropeando
 Pela Dalva ou Três Marias.

Viu também um quero-quero
 O melhor dos vigilantes.
 Com seus gritos alarmantes
 Zelando pela querência.
 Viu um peão entendido
 No trançar do couro cru;
 Trançando um laço, o xiru
 Com calma, jeito e paciência...

Viu benzedeiras cosendo
 Com ramos fazendo curas,
 Escutou a saracura
 E o sabá cantando,
 Viu rolinhas e seriemas
 Tantos bichos, que beleza.
 E o hino da natureza
 Quando o dia vem clareando!

Sentiu o vento minuano
 Gelando até sua alma,
 Viu um rio de águas calmas
 Com peixes em abundância;
 Viu matos com muita caça
 Que aos poucos foram morrendo
 E viu homens se abatendo
 Por culpa da tal ganância!...

Enfim ele viu tantas coisas
 E mudanças neste Estado;
 Viu carretas, viu arados
 Que engrandeceram este chão,
 Viu uma tropa passando
 Em direção à charqueada,
 Viu reunida a peonada
 Em dias de marcação.

Recordou velhos amigos
 Dos idos tempos da infância,
 Gente criada em estância
 Nas lidas do interior.
 Desde o humilde plantador
 Ao mais valente campeiro,
 Que sonhando com dinheiro
 Se cambiaram para a cidade,
 E hoje só resta a saudade
 Num coração tafoneiro.

E ali junto ao seu pingo
 Herança que lhe restou,
 Tanta coisa recordou
 E tamanha dor sentia,
 Que quando abriu os olhos
 E olhou novamente o pago,
 No seu rosto de índio vago
 Uma lágrima escorria...

Depois montou novamente
 No seu amigo tostado,
 Sabendo que do passado
 Só lhe resta recordar.
 Pois sabe que com o progresso
 Embora ajudando a gente,
 As coisas de antigamente
 Nunca mais hão de voltar!

E esporeando o seu pingo
 Olhou bem para o infinito;
 E ao vento soltou um grito
 De alerta, um brado de guerra.
 Pedindo para a juventude,
 Que vier daqui para a frente
 Que defenda bravamente,
 As tradições desta terra!...